



O
BOMBEIRO
PORTUGUEZ

3.º ANNO.

PORTO I DE ABRIL DE 1879.

N.º I.



J. M. Fernandes
D. D.

Porto, 1 de abril de 1879

Completoú dous annos de existencia este jornal; durante este já longo periodo não desmentiu o fim a que se propoz, combatendo sempre, com lealdade e justiça, muitos vicios, que, infelizmente, não podemos de todo extinguir ainda.

Conta tres annos o «Bombeiro Portuguez», e este facto, vulgar em outras publicações, podemos, para esta, assinalal-o como um acontecimento.

Até hoje, com ufania o dizemos, temos mantido, inalterável, o programma inscripto no primeiro numero; temos luctado muito, porque é sabido que periodicos d'esta indole demandam muita tenacidade de quem os dirige, auxiliada pelo favor do publico.

Entre nós, tudo se deve á iniciativa particular, o que sobremaneira nos lisongeia; muitas vezes desajudados, avantajamo-nos a commettimentos de maior vulto, e, verdade seja, nunca houve um obstaculo que se não vencesse triumphantemente. E' que a vontade, energica, resoluta, não prevê, nem admite que possam haver estorvos á realisção do seu pensamento.

Assim nós. Mettemos hombros a esta publicação, trabalhamos, mas vimos coroados de bom exito os nossos esforços. No Porto, cidade burgueza e amiga só de lidar para ter um nome honrado, a creação d'um jornal, que não fosse politico, que não contivesse uma secção policial, local, commercial, d'annuncios, etc., era para ter a ephemera vida das rosas de Malherbe. E isto temol-o sobejamente visto. Aparecem notaveis publicações litterarias, adornadas de maviosos versos e de prosas scintillantes, firmadas por nomes laureados; morrem, porque não dão conta das occurrencias do quartel do Carmo, não mencionam os gatunos presos pela policia, não dizem qual é o cambio, nem se importam que as inscrições subam ou baixem.

O Porto é negociante; abre a sua loja, ri aos freguezes, lê as secções commerciaes, vae á Alfandega,

REVISTA DE FACTOS E CHRONICA THEATRAL

Para a chronica, pouco temos. Ainda bem que não massamos o leitor com uma prosa extensa.

O assumpto ultimo, que a imbecilidade tem aproveitado, e a fajardice explorado, é o da *mulher-homem*. Decorreram bastantes dias depois do descobrimento do disfarce, e ainda se allude ao caso, em versos que os garotos vendem, em noticias idiotas nas folhas baratas, em conversações tolas de malandros sem vergonha, em comedias ridiculas de rabiscadores ordinarios, em caricaturas, etc., etc..

E a pobre rapariga, o mais frisante e poderoso exemplo do quanto pôde a energia e a vontade, maldiz a sorte que tão cruelmente a expoz aos ludibrios da garotada.

Seja dito de passagem; a honesta rapariga tem sido julgada como o deve ser, por todos aquelles que comprehendem o que é honra, e sabem dar valor ás acções nobres; mas os espiritos pequenos, os especuladores ignobeis, esses, como rastejam na lama, não pôdem vêr o que é immaculado e mordem logo, como cães esfomeados.

conversa na Bolsa, negoceia com segurança, pergunta se o navio tal já entrou, assiste com curiosidade ás assembleias geraes dos bancos, passeia na rua dos Ingleses, e não quer saber se o pensamento humano se aventura, se a civilização se estende e se o espirito se robeustece.

Acha as poesias umas *coisas* triviaes, e não entende os artigos que são escriptos em estylo escolhido.

Jornaes litterarios! Vade retro!

Ora o nosso periodico, tinha ainda a vencer outra difficuldade. Nem litterario era. Não escrevia partes maritimas e noticias de suicidios, nem publicava versos. Fallava de serviço de incendios, da maneira de se estabelecer um serviço regular, fallava, enfim, de bombas, que, se é officio leve, como geralmente dizem, nós temol-o achado bem pesado.

E apesar de tudo isto, conseguiu ir andando, de vagar, compassadamente, mas venceu, ao ponto de darmos hoje ao leitor a grata noticia de que completoú dous annos de existencia.

Effectivamente entre nós uma publicação assim, é ousada; paizes mais bem estabelecidos que o nosso não as tem.

Mas são necessarias. O assumpto de que tractamos não é tam vulgar que se despreze, nem tam conhecido que não offereça novidade. Ao contrario, o serviço d'incendios é um dos mais importantes que conhecemos, e não convem ser descurado. E então entre nós, que elle está tam pobremente organizado, é uma necessidade, e imperiosa, podemos affoitamente dissel-o.

Mas, não nos dêixemos ir na corrente das considerações.

* * *

Adornamos hoje a primeira pagina do nosso quinzenario com o retrato do homem a quem muito deve esta redacção. Guilherme Gomes Fernandes tem-nos prestado valiosos serviços e na parte que tomou a seu cargo ninguém contestará a sua competencia.

Atiremos-lhes um osso, e mandemol-os embora.

Estamos no tempo quaresmal; as devotas espreitam as sachristias, e as sachristias espreitam as devotas.

Tem sabido algumas procissões; muita concorrência de fieis, de doceiras ambulantes e de larapios. Nada mais. A piedade, depois de se ajoelhar deante do andor onde se baloieja um Christo de madeira, vestido de gorgorão, entra na primeira taberna, a comer *doces de Paranhos*, e a empurral-os com vinho branco.

E' usança velha. Annuncia-se uma procissão em qualquer aldeia proxima. A concorrência é espantosa; ninguém se mexe; ouye-se um burborinho que incomoda, um sussurro que faz mal. Passa o prestito; a multidão agita-se, conversa com os irmãos, elogia os anjos, ajoelha á imagem, solta uma exclamação piedosa, e divide-se logo, em secções, entrando na primeira tasca que encontra, do que resulta o seguinte:—entrar devota, e sair embriagada.

* * *

Fallemos dos theatros.

Em S. João, continuam as coisas como estavam: isto é, a empreza a lastimar-se, os artistas com vontade de regressarem á sua terra, os musicos desejosos

Venham embora os praguentos taxar-nos de immodestos, accusem-nos de vaidosos, de glorificar santos de casa. Damos a nossa culpa por expiada com a batalha que travamos com o nosso amigo e collega para vencermos a reluctancia que oppoz ao nosso desejo.

Vencemos e com a nossa victoria satisfazemos os dous fins a que miravamos. Patentear bem publicamente a nossa gratidão e contentarmos os nossos assignantes que nos tem pedido o numero em que uma vez publicamos o retrato que hoje tambem damos e que sahio no n.º 6, cuja edição de ha muito se esgotou.

O trabalho artistico de então deixou muito a desejar. Hoje o lapis de Thomaz Augusto Solter, um dos mais completos artistas que conhecemos e com cuja amizade muito nos honramos, veio ainda outra vez illustrar o nosso periodico. Mais outro ainda a quem muito devemos.

Vae desacompanhado de biographia o retrato de Guilherme Fernandes. Mal lh'a poderiamos fazer depois do que disse o nosso amigo e collega n'esta redacção, Firmino Pereira, no «Almanach do Bombeiro Portuguez». Além d'isso prohibem que o façamos considerações d'outra natureza.

* * *

Agora, duas palavras.

Baldados seriam os nossos esforços, se não encontrassemos protecção no publico; de nada valeria a nossa boa vontade, se não fossemos auxiliados n'esta ardua e trabalhosa empresa.

Aos que nos teem auxiliado, a todos quantos se teem dignado dispensar-nos obsequios, os nossos agradecimentos sinceros.

Firmes no posto em que nos collocamos, tendo por norte a justiça, e por divisa imparcialidade, iremos continuando no desempenho da missão que nos impuzemos, advogando o que fór justo e nobre, e castigando, sem contemplanções, o que fór corrupto e torpe

de irem tocar a outra freguezia, os coristas com desejo de metterem a viola no sacco, etc., etc.

Ultimamente cantaram-se tres operas, uma que cahiu, e duas que felizmente não tiveram essa fraqueza.

A *Norma*, appareceu assim com ares de quem está aborrecida de si propria, e voltou a esconder-se; fez bem, para não ouvirmos outra vez uma contralto, que parecia uma lavradeira imberbe, em dia de primeira communhão.

O *Nabucodonosor*, teve um exito feliz, e Escalante, Leoni e Monti receberam os applausos a que tinham jus.

Cantou-se tambem uma opera nova, nova para muita gente, entenda-se, porque em o nosso theatro lyrico cantar-se uma opera nova será acontecimento de que nos não poderemos lisongear.

Os dois Foscariis, é um bello poema e uma optima musica; descansou por longo tempo no archivo do theatro, apparecendo-nos agora de surpresa.

A execução dada a este primoroso *spartito* do grande Verdi foi conscienciosa e intelligente. Escalante e Leoni revelaram mais uma vez ainda os seus apreciaveis dotes artisticos.

No theatro Baquet, continúa o *Gato Preto* a ter o condão de chamar gente aos espectaculos.

Em beneficio de Carmen, uma actriz estudiosa, representou-se um drama de Enery, elegantemente tra-

Feito isto, cumprimos o que promettemos, e ficaremos tranquilos, certos de que prestamos um bom serviço.

A redacção.

Utensilios do carro de material

BALDES

Muito embora á primeira vista pareça que o balde é um objecto que mal merece descrever-se, ninguém, por certo, depois de reflectir um momento, dirá que não seja dos aprestes mais indispensaveis para a nossa companhia de incendios, pois que a agua consumida pelas bombas é unicamente fornecida por meio de vazilhas.

Em Lisboa e outras cidades collocadas em identicas circumstancias e aonde ha bocças de incendios, por meio dos quaes as machinas são incessantemente alimentadas, o balde quasi se torna superfluo; porém entre nós, que apenas dispomos do diminuto abastecimento d'agua dos tanques dos chafarizes, aliás pouquissimos, não poderiamos facilmente e sem grave damno e transtorno, prescindir de tal apreste.

Ignoramos por quem ou quando foi inventado o balde, mas o que podemos afirmar é que a sua origem é muito remota, pois que os escriptores gregos e romanos referem-se a esta especie de vazilhas em muitos dos seus livros, pelos quaes se deprehende que alguns fossem de metal, outros de madeira, couro, pelles e barro.

Segundo lêmos em um livro de Yong, existe na torre da cathedral de Modena, um balde que foi a causa da renhiddissima guerra entre os estados de Modena e Bologna. Uns soldados roubaram-n'o de um poço de Bologna e como se negassem depois a restituil-o, foi declarada a guerra que custou grandes sommas de dinheiro. Não imaginem que tal balde era

duzido para portuguez pelo nosso amigo Julio Gama, que auspiciosamente se estreiou na litteratura dramatica.

O drama é magnifico, e o desempenho digno de applauso.

Nos dois circos, do Principe Real e do Palacio, funcionam duas companhias equestres, que contam bons artistas.

O Porto gosta d'aquelles divertimentos, e corre em pezo a gozal-os.

A companhia do theatro de Variedades representou um drama—*Revelações da bruxa*, que nos consta ter agradado muito.

Na Trindade está em scena uma magica, da qual contam maravilhas. Começa ás 7 horas da noite e acaba ás 3 da manhã.

Não se olha á qualidade, é a quantidade.

Casas cheias, muitos applausos, e o auctor ri, e a empresa folga.

Novidades theatraes só nos consta uma—o proximo beneficio de Augusto Garraio, intelligente ensaiador do theatro Baquet, representando-se o drama—*Sargento-mór de Villar*, desempenhando o actor Foito o papel de louco *de profundis*.

Porto—1879.

F. P.

por ventura de ouro, ou guarnecido com pedras preciosas, pelo contrario, era de madeira com arcos de ferro!

Os baldes que a nossa companhia de incendios possui, são de duas qualidades apenas, a saber, de folha e de lona. Estes ultimos, posto que mais pequenos, são muito mais vantajosos do que os outros e de tanto dura, como temos tido occasião de presenciar. Além d'isso, o seu pouco pezo e o pequeno espaço que occupam, torna-os preferiveis, pois que na area occupado por dois baldes de folha pódem ser conduzidos vinte e quatro de lona.

Ha grande variedade de baldes d'esta ultima especie, porém apenas descreveremos o padrão aqui adoptado e que, diga-se sem receio, é o melhor até hoje conhecido. Constam de lona unicamente, á excepção de dous arcos de junco, sendo um na abertura e outro no fundo.

A aza tem ao meio, uma pequena travessa de madeira para facilitar o transporte.

Os baldes de folha, que estão distribuidos por um certo numero de bombeiros que compõem a secção da agua, são de fórma oblonga, com aza de ferro e pouco commodos em todo o sentido.

As partes principaes do balde são, a *parede*, o *fundo*, a *bocca* e a *aza*.

Registremos

E' possuidos de indizível satisfação que registramos o acto de dedicação e heroismo praticado pelo sr. Adolpho Felgueiras, membro do corpo de Bombeiros Voluntarios do Porto, por occasião do desastre succedido no Rio Douro e de que os jornaes nos dêram noticia.

Tendo este cavalheiro ido dar um passeio no rio em companhia de alguns amigos, depois de uma leve altercação, um d'elles, Elmundo Louzada lançou-se ao rio, mas, a força da corrente e os redemoinhos feitos pela agua fizeram-n'o submergir, não obstante ser excellente nadador. Seu irmão, José Alexandrino, ao ver o perigo em que o outro estava, e sendo tambem muito perito na arte de natação, mergulhou em seu auxilio, vendo-se depois ambos tão embaraçados, que gritaram por soccorro.

Foi então que Adolpho Felgueiras, apesar de ter tido tempo para avaliar a extensão do perigo, mas possuido de coragem e dedicação pelo proximo, sacrosantos principios que servem de lemma á associação a que pertence, precipita-se no rio, mergulha varias vezes, buscando arrancar ás garras da morte aquelles dois infelizes companheiros. A anciedade e o esforço muscular que empregou para vencer a corrente, dominaram-lhe as forças a ponto tal que esteve prestes a ser victima da sua dedicação.

Se não tivesse tido a felicidade de ser tirado pelos cabellos, quando veio ao lume da agua já inanimado, teriamos agora a noticiar a morte d'este prestante e corajoso cidadão, de quem somos amigo.

Não podemos concluir sem felicitar-mos este cavalheiro, assim como a associação a que pertence por contar no numero dos seus socios um tão prestante, corajoso e digno bombeiro.

Bombeiros voluntarios do Porto

Em virtude do apello dirigido á cidade pela direcção da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto», muitos cavalheiros tem enviado cartas, pedindo para serem considerados socios protectores e outros tem allí ido pessoalmente inscrever-se.

Tambem tem apparecido grande numero de individuos desejosos de se alistarem como socios activos ou bombeiros, porém, segundo nos informam, a direcção só tenciona por em quanto apresentar dois delles á sancção da assembleia geral.

A razão de serem apenas propostos dois, é que a direcção pretende ser muito escrupulosa com a admisión d'esta classe de socios, pois que a má conducta de um poderá prejudicar o bom nome e o credito de todos.

Appoiamos tão acertada resolução.

Por emquanto ainda não começaram os exercicios praticos porque ainda não estão completamente fardados todos os bombeiros: apenas tem havido algumas noções theoricas, sob a direcção do commandante e nosso amigo, o sr. Guilherme Fernandes.

O carro de material, offerecido por um dos mais dedicados socios d'aquella associação, já se acha bastante adiantado e deverá ficar concluido muito breve. E' fabricado pelo sr. Moreira Couto e delineado pelo sr. Guilherme Fernandes.

A necessidade de um carro de material nas condições d'este de que vimos fallando, já ha muito se fazia notar, não só porque os actuaes carros dos bombeiros da camara são muito pesados, mas porque a má disposição dos aprestes impedia a rapidez das manobras.

Parece que ha ideia de se alterar o padrão dos bonets, cuja resolução approvamos, se com effeito o modelo até agora adoptado não preenche o fim desejado. Bom seria que a differença entre estes e os dos bombeiros municipaes fosse muito sensivel, não só para regularidade de serviço, mas para que o publico podesse differenciar uns e outros.

Não sabemos se a direcção d'esta associação tenciona promover algum beneficio em qualquer dos theatros, a fim de poder occorrer as primeiras e mais urgentes necessidades pois bem sabemos as difficuldades monetarias com que tem luctado, em resultado de tanto tempo de suspensão, sem ter receita para fazer face ás despezas. Se ainda não havia pensado n'este meio de obter uma quantia rasoavel, esperamos que aproveitará o nosso conselho, porque por certo o publico se não negará a prestar-lhe o seu auxilio, mais uma vez.

Bombeiros municipaes de Villa Nova de Gaya

A esforços do nosso estimavel amigo Eduardo da Costa Santos, desvelado commandante da companhia de incendios de Villa Nova de Gaya, parece que vae ser augmentado o *pret* ás praças do seu commando.

A camara porém já deu a intender que se não poderá incluir a verba no proximo orçamento, ficando para o que vigorará de janeiro em diante.

E assim lhe vão pagando com esperanças!

Inspecção geral dos incendios no Porto

Durante a quinzena que hontem findou, nada occorreu digno de chronica n'esta repartição.

Promenores

Eis alguns promenores do incendio do Palacio de Tervuesen:

A's cinco e meia da manhã de 2 do passado, declarou-se um violento incendio no palacio de Tervuesen residencia de da d-sventurada viuva do imperador Maximiliano.

Quando se deu a voz de alarma, o fogo penetrava já pelas janellas da fachada do castello; eficazmente secundado por uma briza favoravel não tardou a tomar terriveis proporções, alimentando-se como se alimentava com um edificio velho e em cuja construcção entrava a madeira não em pequena parte.

Qual a origem do incendio? Nada se pôde averiguar até agora, o que é certo é que quando se deu por elle apenas houve tempo de pensar na salvação das pessoas.

Os periodicos belgas contam que não foi sem grande sacrificio que se conseguiu que a desgraçada princeza Carlota abandonasse o seu quarto, tomando-se deveras angustiosa a sua reluctancia.

Mal chegou a Bruxellas (d'onde pouco dista o palacio) a noticia do sinistro, o burgomestre enviou a Tervuesen um destacamento de bombeiros com o material necessario para combater o incendio. A rainha Maria Henriqueta sabindo immediatamente do seu palacio de Bruxellas correu a buscar a princeza Carlota que trouxe na sua carruagem para o palacio de Laeken.

Apezar de todos os esforços, muito poucos objectos de valor se salvaram e não encerrava poucos o palacio. Tudo porém as chammas devoraram. Elevam se os prejuizos materiaes a somma avultadissima sem que por felicidade haja a lamentar desgraça alguma pessoal. Do antigo edificio só restam as quatro paredes.

CORRESPONDENCIAS

Guimarães, 27 de março

(Do nosso correspondente)

Principiarei por uma noticia sobre modo agradável.

No dia 19 do corrente foi o segundo anniversario da Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, briosa gente que oito dias depois da sua installação, (25 de março) recebeu o seu baptismo de fogo.

Para commemorar esta data, a philharmonica vimaranense tocou ao alvorecer uma marcha caracteristica que o mestre da banda de infantaria 18 d'essa cidade dedicou aos voluntarios. A porta do dignissimo commandante de tão prestadia associação tocou-se um hymno que o sr. padre Eugenio, um cavalheiro distincto, offereceu áquelle sr.

Tiveram tambem exercicio os bombeiros voluntarios, em commemoração d'este dia e de tarde e á noite uma philharmonica tocou em frente da casa da sua associação.

No dia 16 teve exercicio e revista a corporação dos bombeiros municipaes.

Pedi a sua demissão de inspector da companhia de bombeiros municipaes o sr. Carlos de Castro Araujo Abreu, que fora ultimamente nomeado fiscal de cantoneiros da estrada de Guimarães a S. Torquato. No officio que o digno ex-inspector dirigiu á camara mostra-se sobremaneira pesaroso em deixar os seus companheiros de trabalhos e glorias.

Foi dignamente substituido o sr. Araujo Abreu. A camara municipal em sessão de 19 do corrente nomeou inspector dos incendios o sr. Gualter Martins da Costa, irmão do digno commandante dos bombeiros voluntarios, o sr. José Martins de Queiroz Minotte. Geralmente bem accete tal nomeação, fiamos que novo inspector dará no seu logar as provas que a sua illustração e nobreza de caracter nos dão direito de esperar.

O sr. Martins da Costa já tomou posse no domingo, 23 do corrente.

Braga, 29 de março

(Do nosso correspondente)

Desculpe-me a brevidade com que lhes vou noticiar um incendio que ante-hontem se deu n'esta cidade:

Foi na rua do Sardoal, no predio que pertence ao sr. José Vicente Alves da Motta e de que é inquilino o sr. Manoel Bento de Carvalho. O incendio que se declarou pelas cinco horas da manhã destruiu parte das traseiras, causando prejuizos de cerca de 200,000 réis.

Uma creada da casa que estava em eminente risco de vida foi salva pelo nosso amigo Gaspar Leite, commandante dos municipaes.

São dignos de louvor os serviços dos bombeiros em geral.

O premio foi ganho pela bomba pequena da alfandega.

Lisboa, 30 de março

(Do nosso correspondente)

Tivemos no dia 24 dois incendios. O primeiro na travessa do Pé de Ferro n.º 1, ás 11 horas da manhã, lançado a uma cama por duas creanças que deixaram sós.

Esta imprevidencia tantas vezes repetida, não se corrige com as frequentes desgraças que occasiona.

O outro á 1 hora da tarde em uma porção de roupa, n'uma casa do becco do Monete. Avisada a estação de bombas mais proxima, compareceram prontamente com uma machina algumas praças que se achavam no quartel.

Deu-se então um facto muito censuravel; os moradores do sitio apuparam os bombeiros dirigindo-lhes doestos e fazendo grande algasarra.

O policia n.º 48 de serviço ao local, conservou-se impassivel perante os insultos dirigidos aos bombeiros que, no cumprimento de seus deveres, alli iam para prestar socorro aos seus insultadores.

E' de crer que a auctoridade respectiva, sabedora do facto, premeie devidamente os moradores *gratos* e o policia *justo*.

Sexta feira, 28, ás 10 horas da noite, manifestou-se incendio na loja de tabacos, na calçada do Marquez de Abrantes n.º 28 e n.º 1 para o largo da Esperança. O prejuizo foi total.

O soldado da guarda municipal n.º 20 da 6.ª companhia, trouxe do 2.º andar do predio o menor de 14 annos, João Maria do Sacramento Junior já suffocado pelo fumo.

O bombeiro voluntario n.º 70, seguido pela praça n.º 115 da infantaria municipal, salvou uma senhora cega que no 3.º andar, de certo pereceria se não fosse a coragem do bravo bombeiro.

E' com o maximo prazer que registramos estes factos, tanto mais quando a abnegação é tão frequente n'este bombeiro voluntario.

Chegou em primeiro logar a bomba n.º 1. As fazendas estavam seguras na companhia «Norwich» e o predio na «Fidelidade».

No sabbado, 29, ás duas horas da manhã, rompiam as chammas do armazem de vinhos e mercearia na rua do Capellão n.º 3 e os caixeiros, sorprendidos pelo fumo, pediam auxilio. O fogo tinha pegado em uma porção de roupa proxima do leito d'um d'elles communicando-se á cama e colchão.

Acediu a guarda nocturna e a bomba n.º 6 que circumstavearam o fogo.

Além da roupa que mada houve bastante estrago na armazém tudo garantido na «Fidelidade».

Foi ha dias lavada toda a fronteira da igreja da Encarnação, sendo empregado n'este serviço uma mangueira atarrachada á boca de incendio mais proxima.

Seria de utilidade que se repetisse este serviço nos principaes edificios publicos, para que a cantaria se conserve limpa.

No dia 17 do corrente fez-se experiencia no pateo da camara de Belem de um novo carro de bomba e material, construido pelo sr. Leonardo, da calçada da Tapada, sob a direcção do commandante dos bombeiros voluntarios o sr. Julio da Silva e destinado aos mesmos.

E' formado de dois carros ligados por uma lança; depois de separados, o carro da retaguarda que constitue a bomba com auxilio de uma *cruseta* pode ser conduzido á mão por dois bombeiros.

No carro dianteiro cabem 500 metros de mangueira de

lona, manga de salvação, agulhetas, chaves de boca de incendio archotes, baldes, etc.

Quando puchado a cavallos leva em cima 4 bombeiros.

Parece-me portanto que quem presidiu á contextura restringiu-se muito ao systema da bomba dos bombeiros voluntarios do Porto.

A' experiencia assistiu o vereador respectivo, o inspector Figueira e seus dois ajudantes.

Já seguiram para essa cidade os dois ajudantes que acompanhados pelo sr. Falcão vieram instruir-se da maneira como é feito o serviço de incendios; breve regressará este sr.

Visitaram as estações, deposito, officina de bombas e materias, e a escola especial de bombeiros, onde diariamente se executaram exercicios para serem presenciados pela commissão.

O sr. Barreiros prestou a o seu collega do Porto todos os esclarecimentos dos trabalhos aqui adoptados, franqueando os documentos e escripturação da secretaria da inspecção.

No domingo, 23 do corrente, reuniu-se na escola municipal a corporação de bombeiros municipaes para a revista e exercicio em presença do sr. inspector do Porto e seus ajudantes.

Consistiu a manobra n'um ataque pelos quatro lados do esqueleto de um prédio, construído para a instrucção dos bombeiros.

O exercicio foi commandado pelo illustrado inspector, trabalhando as bombas n.º 1, 3, 6 e 18 e carro 24, merecendo especial menção as evoluções feitas pelo pessoal do carro.

Compareceram cerca de 200 bombeiros, apresentando-se todos com bastante accio e de grande uniforme.

Agradou immensamente ao sr. Falcão este exercicio, provado nos elogios que á companhia teceu, por intermedio do seu chefe o sr. Barreiros.

A commissão portuense tambem assistiu na terça-feira passada a um exercicio dos bombeiros voluntarios, para a approvação e promoção de alguns socios activos.

O sr. engenheiro Falcão, acha-se penhoradissimo pela maneira especial e obsequiosa com que o tem distinguido o sr. Barreiros, compartilhando d'esse sentimento os dois ajudantes que se retiraram já.

Congratulamo-nos com a resolução tomada pela direcção da Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto e estimamos que breve recomece a prestar os seus valiosos serviços.

LUCIO.

O NOVO REGULAMENTO

DOS

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

(Conclusão do n.º 48)

Art. 189.º Para que um bombeiro voluntario esteja uniformizado, torna-se necessario que traga vestido e convenientemente collocado o armamento e o seu fardamento.

§ unico. E' permittido nos incendios o uso de bota de couro até ao joelho por fóra da calça, assim como um casaco de oleado, conforme o padrão approvado pelos socios activos.

Art. 190.º E' permittido o uso do fardamento sem armamento; mas n'este caso, nenhum bombeiro voluntario terá entrada nos incendios ou será reconhecido como tal, excepto no caso previsto pelo § 3.º do artigo 86.º e que se refere aos incendios manifestados de dia, desde as 9 horas da manhã até ás 5 da tarde.

Art. 191.º Os capotes de agazalho são obrigatorios, devendo o padrão approvado e o unico que poderá ser usado com o capacete ou bonet, ser igual ao dos bombeiros municipaes de Lisboa, á excepção dos botões que serão iguaes aos do casaco.

Art. 192.º Os distinctivos das graduações serão os seguintes: commandante, dois machados de metal amarello ou bordados de cada lado da golla; e no canhão, além do transelim e gallão um ornato formado por um transelim dourado, conforme o padrão approvado pela direcção. O capacete será de solla com guar-

nições amarellas, crista grande de meta; amarello lavrado a barbeta de metal e cordão vermelho para os incendios e dourado para os dias festivos: 1.º ajudante, um machado de metal amarello ou bordado de cada lado da golla e mais trez transelins dourados além do transelim no gallão do canhão da manga; a crista do capacete será de metal liso. Sub-ajudante, o mesmo que o ajudante, á excepção dos machados que serão substituidos pelo seu numero. 2.º patrão, mais dois transelins no canhão da manga além do transelim do gallão; a parte superior da crista do capacete, a metade superior das faces lateraes e a frente, são cobertas de metal amarello liso. Aspirantes, mais um transelim dourado além do transelim do gallão; a crista do capacete será encaxilhado com metal amarello liso. Os encarregados das agulhetas e que na falta dos aspirantes de bomba ou carro, são considerados como taes, terão duas pequenas agulhetas de metal, em cruz, em cada braço.

Art. 193.º O fiscal poderá, se quizer, usar uma pequena chave de metal junto do bico do canhão da manga.

Art. 194.º O uniforme do medico e dos bombeiros voluntarios encarregados da ambulancia tem uma fita branca larga com uma cruz vermelha para ser collocada na manga do braço direito, unicamente no local do incendio; e o facultativo terá além d'isso, na golla do casaco, um caduceu de cada lado, em vez de numeros.

Art. 195.º O uniforme dos chaveiros constará de blusa e calça de flanela azul, avivada de vermelho e um bonet redondo de panno azul com palla de couro quadrada, com uma coroa real e a palavra «chaveiro».

Art. 196.º O uniforme dos serventes constará de blusa de flanela azul ás pregas largas, avivada de escailate e calça da mesma fazenda. A blusa terá 8 botões lizos de metal amarello, com o numero da bomba ou carro de um lado da golla e o numero do servente do outro; cinto da mesma fazenda com fivella de metal amarello; chapéu á similhança dos sudestes dos marinheiros, com uma coroa real e as iniciaes S. B. V. P. na frente. Terão igualmente bonet á prussiana, da mesma fazenda que a blusa e com os mesmos distinctivos que o chapéu, para pequenas formaturas.

Art. 197.º Os distinctivos dos capatazes serão: para o 1.º capataz, duas tiras de panno escailate na manga do braço direito e para o 2.º capataz, uma tira.

Art. 198.º Tanto os serventes, como os chaveiros deverão ter dois fardamentos, um para o serviço, outro para revistas, exercicios, formaturas etc.

Art. 199.º As alterações que houverem de ser feitas no uniforme, serão resolvidas pela assembleia geral dos socios activos, e a ninguém será permittido alterar ou phantasiar o padrão que estiver approvado.

CAPITULO XXII

DA GYMNASTICA

Art. 200.º Muito embora os exercicios gymnasticos não sejam obligatorios deverão aquelles que se dedicaram a elles seguir á risca o regulamento ou ordens formuladas expressamente para esse fim pelo commandante d'accordo com os associados.

Art. 201.º Compete ao commandante presidir a esses exercicios ou encarregar algum que o substitua, a fim de que se não commettam abuzos que longe de aproveitarem apenas prejudiquem.

Art. 202.º Haverá um ou mais dias durante a semana, designados para estes exercicios.

CAPITULO XXIII

DOS SOCIOS PROTECTORES E DAS DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 203.º Para evitar quanto possível, que pessoas estranhas se entremettam no serviço dos incendios, é permitido aos socios protectores ou honorarios até ao numero de 50, coadjuvarem os socios activos nos seus trabalhos, e para essa fim terá cada um, um distinctivo, depois de approved pela direcção, sendo considerado como protector auxiliar.

§ unico. Em caso de necessidade, poderá a assembleia geral dos socios activos, fixar o numero dos socios protectores auxiliares em 100 ou mais.

Art. 204.º Para que o distinctivo possa ser entregue, é necessario que o commandante informe que o socio conhece todos os toques da ordenança, e sabe montar e desmontar a bomba e se promptifica a comparecer a todos os exercicios para que for avisado.

Art. 205. Nenhum dos socios auxiliares poderá fazer outro serviço nos incendios, além de tocar á bomba, desmontal-a e montal-a, dar agua ou segurar archotes na rua, assim como não poderá occupar qualquer dos assentos da bomba ou carro, quando estiver presente o numero sufficiente de voluntarios ou ser-ventes.

Art. 206.º O primeiro d'estes socios que chegar a qualquer incendio é arvorado em chefe só para essa occasião, e com referencia unicamente aos socios protectores. Compete-lhe fazer entrar em forma pela ordem da chegada os outros que forem comparecendo, da direita para a esquerda, e d'allí não saem sem serem chamados, ou sem auctorisação de quem os commanda, não lhes sendo comtudo permitido estacionar com o seu distinctivo dentro do recinto occupado pela policia, em outro qualquer lugar, sem ordem superior.

Art. 207.º Nenhum socio protector ou honorario será reconhecido como auxiliar, quando não trouxer consigo os seus distinctivos; e estão tambem sujeitos a serem julgados pelo Conselho, quando transgredirem qualquer ordem ou as disposições d'este regulamento, assim como a perderem o direito ao distinctivo.

Art. 208.º Não são obrigados a permanecer no local do sinistro, até á conclusão dos trabalhos, e só teem direito a entrar no ponto aquelles que se conservarem até final.

Art. 209.º O ponto será formulado pelo primeiro que compareceu ou pelo immediato, quando aquelle já se tiver ausentado, por ordem de numeração, a qual constará d'um livro respectivo em que serão lançados os seus nomes, depois de approveds pela direcção.

Art. 210.º O commandante deverá ter sempre na secretaria o numero sufficiente de exemplares d'este regulamento, para poder dar um a cada voluntario, no acto do alistamento.

Art. 211.º Qualquer duvida que se suscite, com referencia á intepretação de qualquer artigo d'este regulamento será resolvida pela direcção.

Art. 212.º Para que este regulamento possa ser alterado é necessario que pelo menos metade dos Bombeiros Voluntarios requeiram á direcção a convocação da assembleia geral para esse fim, e que esta delibere e approve quaes são as alterações a fazer.

CAPITULO XXIV

DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS

Art. 213.º Não são comprehendidos na disposição do art. 185.º, os voluntarios actualmente existentes,

aos quaes lhes é contado o tempo, desde a sua admissão, quando não estejam comprehendidas nas penas designadas no mesmo artigo.

Porto, 8 de maio de 1878.

O Commandante,
Guilherme Gomes Fernandes.

Varias noticias

A Companhia das Aguas de Lisboa tinha collocadas em 31 de dezembro do anno passado 2:505 bôcas de incendio, sendo 2:344 dentro das portas da cidade e 144 fóra; e d'estas ultimas, 121 no cancelho de Bellem e 43 no dos Oliveaes.

A despeza com este serviço foi de 2:636\$687 réis.

**

Com destino á municipalidade de Celorico da Beira sahiu ultimamente das officinas do snr. Francisco de Paula, da rua dos Caldeireiros d'esta cidade, uma bomba, systema Fland.

Não assistimos a experiencia alguma que com ella se fizesse e pela rapida inspecção que tivemos occasião de lhe fazer quando estava arrecadada no atrio dos Paços do Concelho pareceu-nos bem acabada de modo a acreditar o fabricante, artista modesto e laborioso.

**

Na freguzia do Herval (provincia do Rio Grande do Sul), um pavoroso incendio reduziu a cinzas a casa do snr. Demetrio Fagundes de Bittencourt. Desconfiava-se que o fogo fóra lançado por um crioulo livre

Incendios na provincia

Durante a quinzena, tivemos conhecimento dos seguintes:

PONTE DO LIMA

Pelas nove horas, de 15 do corrente, correu voz que havia fogo na villa. Tudo se alvorçou, e averiguado o caso, viu-se que o medo dos inquilinos d'uma casa da rua Direita, dêra origem ao alarma.

FIGUEIRA DA FOZ

No mesmo dia, na rua das Flores e na pharmacia do sr. Luiz Maria da Costa, deu principio a um incendio, um frasco de acido phosphorico que se inflamou.

Não teve consequencias de maior. O jornal da localidade, pede para que se providencie de novo a qué os toques d'incendio sejam regulares, para evitar correrias inuteis e que contribuem para que os soccorros sejam tardios.

POVOA DE VARZIM

Declarou-se n'esta villa, no bairro da Lapa, um pequeno incendio que limitou os seus estragos a susto.

Incendio no estrangeiro

No dia 15 de março passado rebentou um incendio dos mais consideraveis de que ha noticia. Foi em Vernet, cantão de Cusset (França) onde destruiu intei-

ramente 122 casas, granjas e outros estabelecimentos de lavoura. Não houve accidentes de pessoas, mas as perdas materiaes são immensas. Os hospitaes de Cusset e Vichy tomaram providencias para recolher as pessoas que ficaram sem asylo.

As causas do sinistro são desconhecidas.

Ardeu o seminario de Perpignan. (Hespanha.) Ficou completamente destruido.

Para regularidade da nossa escripturação, e até por conveniencia para os nossos assignantes, resolvemos cobrar adiantadamente a nossa assignatura no Porto, por trimestre, nas provincias por semestre e no estrangeiro por annuidades.

Publicações recebidas

Somos obrigados por falta de espaço a retirar esta secção.

EPHEMERIDES

15 A 31 DE MARÇO

- 1818—19 de março—Incendio do theatro do Odéon em Paris.
- 1872—20 de março—Incendio do theatro de Variedades, no Porto.
- 1877—23 de março—Organisação da Companhia dos bombeiros voluntarios de Braga.
- » 25 de março—Primeiro incendio em Guimarães a que concorreram os bombeiros voluntarios d'aquella cidade.
- » 27 de março—Morte em um incendio, de D. João Klein y Noriega, commandante dos bombeiros de Barcellona.

Correspondencia recebida na administração d'este periodico de 15 a 31 de março

Villa Nova de Gaya, em 16—Do snr. João Vieira de Andrade.

Lamego—Do snr. A. Joaquim Vieira de Magalhães.

Coimbra—Do «Conimbricense».

Fundão—Do snr. Oliveira e Lopes.

Braga—Do snr. Emygdio d'Oliveira.

Vizeu—Do snr. José de Salles Mendonça e Silva.

Villa Nova de Gaya—Do snr. Manuel Francisco

Junior.

Coimbra—Do snr. Guilberme Augusto Lima Nunes.

Villa Nova de Gaya, em 26—Do snr. João Vieira de Andrade.

Idem, em 29—Do mesmo.

Guarda—Do snr. Francisco Antonio Patricio.

ANNUNCIOS

IMPRESA CIVILISAÇÃO

DR

SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10

Paulino José Henriques do Amaral

DOURA E PRATEIA TODA A QUALIDADE DE METAES

Rua dos Caldeireiros, 67—2.º andar—Porto

Preços modicos

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA—NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

ORGAO DAS COMPANHIAS DE INCENDIOS DO PAIZ

Preço da assignatura—remessa pelo correio

		ESTRANGEIRO	
		28000 réis	15000 réis
		15000 réis	500 réis
REINO	ANNUO	15000 réis	500 réis
	SEMESTRE	5000 réis	250 réis
	TRIMESTRE	2500 réis	125 réis
PAGAMENTO ADIANTADO			
REINO		500 réis	200 réis
ESTRANGEIRO		15000 réis	500 réis
SEMESTRE		5000 réis	250 réis
TRIMESTRE		2500 réis	125 réis

A assignatura é cobavel no Porto por trimestre, nas provincias por semestre e no estrangeiro por annuidades.

NUMERO AVULSO. 50 RÉIS
Depois da publicação do seguinte numero 200 RÉIS

Assigna-se na livraria Civilisação, Santo Ildefonso, 8 e 10 e na rua do Bomjardim, 107 (ao Paraíso).
Escritorio da administração—Fernandes Thomaz, 128—Porto.

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO

DE

JOSÉ PEREIRA VAZ

Vende livros em branco, religiosos e scientificos; romances novos e usados, papel, tinta, louças e mais miudezas.

Executa encadernações em todos os generos, com perfeição, brevidade e por preços modicos.

78, RUA DE SANTA CATHARINA, 78

IMPRESA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10